

Conjuntura Samuel Pêsoa e Luiz Carlos Prado também divergem sobre câmbio, crescimento, poupança...

Sobrevivência da indústria divide economistas

Chico Santos, Marcelo Mota e Vera Saavedra Durão
Do Rio

"Não consigo enxergar a indústria sobrevivendo no Brasil."

"Abrir mão da indústria é quase tudo na vida. Eu não consigo enxergar a indústria sobrevivendo no Brasil. Eu acho que é quase impossível a sobrevivência da indústria nos moldes que ela tem no Brasil. Vou dar um exemplo: pegue a indústria automobilística. A indústria automobilística está no Brasil há quase 60 anos. Ela existe na Coreia do Sul há 30 anos. É metade do tempo. Por que é que nossa indústria é uma porcaria perto da indústria coreana? Não é que seja ruim, é uma porcaria! Eu acabei de comprar um carro coreano. É uma coisa impressionante e desnível."

Valor: *Será que é porque a indústria coreana é produto de pesquisa doméstica?*

Pessoa: Não, eu acho que é porque na Coreia se estuda muito e no Brasil não se estuda. O coreano médio, se fizer a prova do Pisa [medição internacional da capacidade do jovem de 15 anos de usar seus conhecimentos para enfrentar a vida], ele está no topo. A média brasileira é uma tragédia. O capital humano no Brasil é muito ruim. O custo de capital na Coreia é muito mais baixo que aqui, porque eles poupam 36% do PIB e a gente poupa 18%, 17%. Eu não vejo como a gente vai sustentar essa indústria. Só se fechar a economia.

Valor: *Como o sr. liga isso com o câmbio?*

Pessoa: Vamos voltar para a questão da indústria, vamos pegar a indústria calçadista. Você tem lá o cara em Franca, no interior de São Paulo, que está produzindo calçados. O empresário de Franca acha que compete com o produtor de sapatos da China, mas ele está errado. Ele compete com o produtor de soja de Rondônia. Porque se nós não produzíssemos soja e nem minério, o câmbio seria R\$5. O que estou dizendo é que dada a produtividade que temos para produzir commodities e a produtividade que temos para produzir sapatos, o câmbio que reflete a nossa vantagem comparativa em commodities mata o produtor de sapatos. Então, o único jeito que eu tenho para fazer sobreviver o produtor de calçado é fazer alguma coisa que imponha um custo grande à produção de commodities.

Valor: *O sr. então acha que essa reprimarização não vai mudar?*

Pessoa: Acho que é um fato per-

de obra para propor que o Brasil faça o mesmo na América do Sul com países como Paraguai e Bolívia, liderando uma efetiva integração comercial.

Quando o debate chegou à inflação mais discordância. Prado manente e a gente deveria ser meio que passivo em relação a isso.

Prado: Eu concordo que a educação no Brasil foi historicamente subfinanciada. Mas eu sou muito mais otimista quanto ao potencial de crescimento brasileiro e eu acho que o Brasil não pode abrir mão da indústria. Isso é quase que jogar fora nossa história, todo esforço que se fez para transformar a sociedade brasileira. E, mais do que isso, commodities, a longo prazo, não se sabe para onde irão as coisas. Você não tem como voltar atrás se alguma coisa der errada. Aí eu coloco uma outra questão: a China tem uma outra diferença com o Brasil, tem superávit em relação ao resto do mundo, mas tem déficit com seus vizinhos. Ou seja, ela é integrada na região. O Brasil tem uma posição diversa: déficit em relação ao resto do mundo e superávit com referência aos seus vizinhos, o que dificulta o processo de integração regional. Até que ponto seria viável o Brasil partir não apenas para uma política industrial olhando para seu próprio umbigo, mas tentando integrar os próprios vizinhos? Se nós não conseguirmos fazer alguns produtos ao preço necessário, por que não o Paraguai ou a Bolívia? Agora, seja lá o cenário que for, câmbio é uma variável fundamental. A história mostra que toda vez que você tem um câmbio excessivamente valorizado, isso gera problemas de industrialização. Não necessariamente você tem que fazer uma taxa de câmbio para sustentar qualquer tipo de indústria, mas certamente você tem que ter uma política um pouco mais ativa dentro desse setor para que essa taxa de câmbio seja compatível com a estratégia de manutenção de setores da indústria que você julga necessário.

Valor: *O sr. acha que o programa Brasil Maior preenche de alguma forma essas necessidades?*

Prado: Eu acho que ele é um começo, mas está muito aquém do necessário. Eu sou favorável a fazer mais, ser mais ativo no que se refere a câmbio e ser também ativo no que se refere a estratégias de política industrial. O que eu acho é que nós temos de pagar o preço que for necessário, dado as premissas de que nós não podemos abrir mão de ter uma sociedade mais igual.

indústria, acho que é estrutural, não vai mudar. Eu acho que vai cair o crescimento potencial nosso, porque uma parte dele é redução da taxa de desemprego. Provavelmente, o que o país pode crescer está mais para 3.5% do PIB

Pessoa: Crescimento não é uma coisa que eu, como economista, emita opinião. Quem se pronuncia sobre crescimento é a sociedade. Agora, crescimento custa, crescimento dói, exige envolvimento da sociedade e muitas vezes ela não está disposta.

Valor: *O sr. concorda?*

Prado: É claro que você tem que fazer escolhas. Concordamos. Aliás, eu tenho que fazer escolhas para crescer e para não crescer. O problema é que se você não cresce, as escolhas são ainda mais duras do que quando você cresce. É claro também que você não pode crescer aquilo que gostaria. Temos muitos ganhos de eficiência a fazer no Brasil, mas acho que nós temos espaço para crescer. Até porque as taxas de poupança no Brasil já foram mais altas e não há nenhuma razão para dizer que a sociedade brasileira se alterou nesse sentido.

Pessoa: Quando a gente discute essa questão da poupança, tem uma questão teórica que não tem jeito de não enfrentar. Tem aquele discurso que diz que eu tenho primeiro que ter a poupança para depois ter o investimento. Isso é uma proposição dos anos 30, uma coisa superada. A gente sabe que a causalidade é do investimento para a poupança. Você investe e a poupança vem. Como a agenda é de equidade e não de crescimento, sempre que o crescimento vem e o investimento vem, as demandas sociais vêm atrás. E essas demandas sociais impedem que esse mecanismo que permitiria uma aceleração sustentada da nossa taxa de crescimento opere.

Valor: *Temos então de fazer como a China, acabar com a Previdência para fazer poupança?*

Pessoa: Não é acabar, mas reduzir a velocidade de crescimento dos programas sociais, incluindo todas as aposentadorias vinculadas ao (salário) mínimo. É horrível falar isso!

Prado: Eu não acho que o nosso parâmetro de crescimento é o chinês. Se tivermos um crescimento de 4,5% a 5%, que é bem menor do que o chinês, nós vamos ter resultados equivalentes. Nessa nossa conversa eu observo uma coisa curiosa. Nós concordamos em vários pontos importantes. Por exemplo, a questão de que a democracia é

está optando por um crescimento com mais desigualdade. Acho muito difícil crescer rápido com igualdade. Acho que em mais dez, oito anos a agenda vai passar a ser uma agenda de crescer. Porque a gente tem esse fenômeno fantástico

uma variável fundamental e, portanto, a escolha da sociedade é o que define em última instância para onde se vai. Então, a margem de discordância é um pouco menor. Eu acho que, talvez, o grau de ativismo do Estado e as escolhas que o Estado tem de fazer para seguir esse ou aquele caminho talvez seja o grande ponto no qual se possa ter visões um pouco diferentes.

Pessoa: Eu acho que essa sua primeira parte é exatamente o meu ponto de vista. Eu acho que vai ter uma demanda da sociedade pela melhoria da infraestrutura no Brasil em algum momento.

Valor: *Por que a inflação não cede apesar dos juros e das medidas macroprudenciais?*

Pessoa: Porque a gente tem restrição de oferta muito forte. A gente vai precisar ter mais juros, mais medidas macroprudenciais e mais corte de gastos. Eu acho que inflação é excesso de demanda. Acho que tem um pouquinho de commodities e tal, mas o grosso é serviços. Nesse sentido é que não dá para acreditar no argumento keynesiano para o Brasil. O problema do Brasil não é carência de demanda, o problema nosso é criar oferta.

Valor: *O sr. concorda, professor Prado?*

Prado: Não, não concordo. Aqui nós temos filiais das mesmas empresas que estão na China. Você conversa com pessoas como o (Antônio Corrêa de) Lacerda, que fazem estudos sobre investimento internacional, e o Brasil tem quase as mesmas filiais das empresas internacionais que operam na China. Uma das razões para a que taxa de investimento delas aqui seja menor que lá é porque, com todos os problemas, a nossa demanda foi historicamente oscilante. A taxa de investimento, no caso dessas empresas, é historicamente inferior ao que é em outras regiões da Ásia. Com a demanda previsível certamente você teria uma situação um pouco mais tranquila. Tem também um problema que não foi resolvido, que é o da indexação na sociedade brasileira.

Pessoa: Com relação à indexação, eu confesso que não consigo entender esse argumento. Indexação vale na ida, mas também vale na volta. O que indexação faz é a inércia da inflação. Eu tenho um choque positivo de inflação, ela so-

be e aquele choque positivo fica presente mais tempo. Mas aí, quando tem o choque negativo, como em 2008, tudo vale ao contrário. Dado que eu tive um choque deflacionário, a inércia ajuda. Então, indexação não pode explicar inflação na média mais alta.

Valor: *Os srs. acham que o Brasil pode correr o risco de uma recessão com o cenário desfavorável lá fora?*

Prado: Que reduz o crescimento não tenha dúvida. O Brasil está no mundo, se o resto da economia mundial desacelera, vai ter um impacto interno. O tamanho do impacto interno é que é a discussão.

Pessôa: Se não houver um evento de crédito no resto do mundo, se for só uma desaceleração, acho que a gente sente, mas pouco.

“Nós temos de pagar o preço que for necessário para termos uma sociedade mais igual”

“A China está optando por um crescimento com mais desigualdade, é muito difícil crescer rápido com igualdade”

LEO PINHEIRO/VALOR



Samuel Pessoa: "A inflação é excesso de demanda, tem um pouquinho de commodities e tal, mas o grosso é serviços"

LEO PINHEIRO/VALOR



Luiz Carlos Prado: "Não há dúvida que a crise internacional vai reduzir o crescimento, pois o Brasil faz parte do mundo"